



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778
Nº 3, volume 1, artigo nº 16, Janeiro/Junho 2017
D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v3n1a16>

O CONCÍLIO VATICANO II E O AGGIORNAMENTO DA IGREJA CATÓLICA

Vinicius Couzzi Mérida

Professor da Faculdade Redentor de Itaperuna e Campos dos Goytacazes, nos cursos de Direito, Psicologia, Serviço Social, Administração e Docência do Ensino Superior. Email: viniciusmerida@gmail.com

Renato Marcelo Resgala Jr

Professor da Faculdade Redentor de Itaperuna, nos cursos de Direito, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Arquitetura, Engenharia Mecânica, Enfermagem e Administração. Email: renatoresgalajr@gmail.com

Resumo: O Concílio Vaticano II teve lugar na basílica Vaticana entre 1962 e 1965, tendo sido realizado em quatro sessões, e foi um evento de grande impacto dentro da Igreja Católica Apostólica Romana, uma vez que mudou significativamente os rumos do catolicismo no Século XX. Por isso, esse artigo pretende abordar não somente as reformas conciliares, mas o contexto histórico e ideológico que o cercou, e de que forma o clero progressista tornou possível reformas até então impensadas. Diante do embate entre progressistas e conservadores, o Vaticano II mudou a forma da Igreja se relacionar com o mundo e consigo mesma, e por isso, até hoje é um evento que precisa de análise, pois está longe de se chegar a um consenso.

Palavras-chave: Vaticano II, progressistas, conservadores, Século XX.

Abstract: The 2th Vatican Council was in the basilica among 1962 and 1965, in four sessions, becoming an great event inside the Catholican Church, once it changed significantly the journey of Catholicism in the 20th century. Therefore, this article intends to analysis not only the council reforms, because the main idea is to approach the historical and ideological contexts that surrounds it, and the way that progressive clergy made possible some reforms until that time unthought. Even now, it's far from a consensual way.

Keywords: Vatican II; Progressives; Conservatives; 20th century

Introdução

O Contexto Histórico do Concílio Vaticano II e o *Aggiornamento* da Igreja será abordado neste artigo científico de modo a apresentar os traços históricos e ideológicos presentes.

Em 25 de janeiro de 1959, após a celebração de uma missa para a unidade de todos os cristãos na festa da Conversão de São Paulo celebrada na Basílica de São Paulo Extramuros, o Papa João XXIII, diante do Sacro Colégio dos Cardeais, anunciou ao mundo sua intenção de realizar um Concílio Ecumênico. Este anúncio causou surpresa, pois o Cardeal Angelo Giuseppe Roncalli¹ assumira o Papado aos 77 anos de idade, e por ser um Papa idoso, ele era entendido como Papa de transição². Além disso, o Dogma da Infallibilidade Papal³ convenceu a Cúria Romana de que não haveria mais a necessidade de um novo Concílio, visto que o próprio Papa seria capaz de realizar todas as mudanças pelas quais a Igreja precisasse passar. Assim sendo, o colégio dos Bispos, espalhado pelo mundo todo, perderia sua influência em Roma, fortalecendo o poder do Papa e da própria Cúria Romana.

O discurso da Igreja de condenação e reprovação a respeito do mundo nos últimos séculos já era insustentável, e a Constituição Apostólica *Humanae Salutis* para convocação do Concílio em 25 de janeiro de 1961 evidencia a preocupação de João XXIII em relação à Igreja e ao mundo:

A Igreja assiste, hoje, à grave crise da sociedade. Enquanto para a humanidade surge uma era nova, obrigações de uma gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja, como nas épocas mais trágicas da sua história. Trata-se, na verdade, de pôr em contato com as energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno: mundo que se exalta por suas conquistas no campo da técnica e da ciência, mas que carrega também as consequências de uma ordem temporal que alguns quiseram reorganizar prescindindo de Deus. Por isso, a sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral. Daí, enfraquecer-se o anseio pelos valores do espírito e crescer o impulso para a procura quase exclusiva dos gozos terrenos, que o avanço da técnica põe, com tanta facilidade, ao alcance de

¹ Angelo Giuseppe Roncalli (1881-1963) foi o 261º Papa da Igreja Católica. Membro do clero de Bérgamo. Ordenado presbítero da Igreja Católica em 1904. Bispo titular de Areopoli (1925); visitador apostólico (1925-31) e delegado apostólico da Bulgária (1931-1934); arcebispo titular de Mesembria (1934); delegado apostólico na Turquia e na Grécia (1934-44); núncio apostólico na França (1944-53); eleito Cardeal em 1953 e Patriarca de Veneza (1953-58) e eleito Papa em 1958, beatificado pelo Papa João Paulo II no ano 2000.

MATTEI, R. *O Concílio Vaticano II* uma história nunca escrita. São Paulo: Ambiente e Costumes, 2013. p. 96-97.

² Normalmente, quando um Papa fica muitos anos à frente da Igreja Católica Apostólica Romana, caso de Pio XII (1939-1958), os Cardeais elegem Cardeal mais idoso que ficará menos tempo, chamado Papa de transição.

³ O Dogma da infalibilidade papal promulgado por Pio IX no Concílio Vaticano I (1869-1870) afirma que o Papa, em comunhão com o Sagrado Magistério, é infalível quando se pronuncia *ex cathedra* em matéria de Fé e Moral. Na clarificação solene e definitiva destas matérias, o Papa goza de assistência sobrenatural do Espírito Santo que o preserva de todo o erro.

todos; e mais ainda - um fato inteiramente novo e desconcertante - a existência do ateísmo militante, operando em plano mundial⁴.

Analisando o discurso do Papa, nota-se que naquele momento a Igreja não estava indiferente ao mundo, logo um novo Concílio seria viável para um diálogo com a sociedade contemporânea, e diferentemente dos outros Concílios a Igreja Católica Romana não pretendeu mais um discurso de condenação.

O discurso de convocação do Papa diz muito sobre seu entendimento sobre a Igreja, e ao mesmo tempo, diz muito sobre os Papas que o antecederam, em especial os Papa Pio IX⁵(1846-1878), Pio X⁶ (1903-1914) e Pio XII⁷ (1939-1958). Esses Papas tiveram um pensamento conservador, com forte valorização das orientações do Concílio de Trento, ou Tridentino. Ao se analisar os discursos tornados públicos em catequeses, encíclicas e Constituições Apostólicas, é possível perceber um mundo em franca transformação, principalmente o continente europeu e uma Igreja contrária às transformações históricas da sociedade, temerosa de que a modernidade chegasse à Igreja, tirando-lhe a autoridade interna e até mesmo diante dos fiéis. Por isso, os conservadores entendiam que a modernidade representava a fragilização do Magistério da Igreja.

Embora tenha ocorrido entre outubro de 1962 e dezembro de 1965, o período que antecede o Concílio Vaticano II foi um período longo e de grandes transformações. Desde a Revolução Francesa (1789), as sociedades europeias mudaram muito e os ideais iluministas de Igualdade, Liberdade e Fraternidade se espalharam pelo mundo. No entanto, a Igreja não ficou alheia a estas transformações, ainda que reprovando-as em um primeiro momento, já que fora diretamente tocada na França do século XIX, em decorrência da Revolução.

O discurso de *Aggiornamento*⁸ da Igreja Católica Romana, feito no início da década de 60 por João XXIII era relevante, pois a Igreja deveria dialogar não somente com as transformações ocorridas no século XX, mas com outras transformações que tiveram sua gênese ainda no século XVI.

Diante desses eventos, o Concílio Vaticano I, ocorrido no século XIX, buscou afirmar a fé Católica em uma Europa que vivia um processo de secularização em função do crescimento industrial, fortalecimento do capital, novas descobertas científicas e

⁴ Constituição Apostólica *Humanae Salutis* para a convocação do Concílio Vaticano II em 25 de dezembro de 1961. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acessado em 01 de maio de 2015.

⁵ Disponível em http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20000903_pius-ix_po.html. Acessado em 09 de fevereiro de 2016.

⁶ Disponível em <https://w2.vatican.va/content/vatican/pt/holy-father/pio-x.html>. Acessado em 08 de fevereiro de 2016.

⁷ Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli (1876-1958) foi o 260º Papa da Igreja Católica. Ordenado padre em 1899, subsecretário (1911) e depois secretário para Assuntos Eclesiásticos Extraordinários (1914). Sagrado bispo e elevado à dignidade arquiépiscopal em 1917. Núncio na Baviera (1917-1929), eleito Cardeal em 1929 e eleito Papa em 1939 quando substituiu Pio XI. MATTEI, 2013. p. 29.

⁸ Palavra italiana que quer dizer atualização, colocar em dia. Esta palavra foi a proposta do Papa João XXIII, e marcou muito a identidade do Concílio Vaticano II.

consequente busca pela razão, haja vista o darwinismo, o racionalismo e o positivismo. Daí, esse Concílio ter sido entendido como antiliberal, antissocialista, antidemocrático, antimodernista, centralizador e promulgador do dogma da Infalibilidade Papal.⁹

A Revolução Industrial que começou na Inglaterra do século XVIII, expandiu-se para outros países da Europa, no século XIX; assim a burguesia ganhou destaque social e maior participação política na Europa, em função do acúmulo de capital. A expansão industrial foi além da esfera geográfica, foi também uma expansão tecnológica. Ao carvão e ao ferro juntaram-se também a eletricidade e o petróleo, e houve um desenvolvimento da Química, Física e Matemática enquanto ciências¹⁰.

Essa Revolução Tecnológica fomentou a expansão do capitalismo para outros países além da Europa como o Japão e os Estados Unidos, e a expansão Imperialista protagonizada pelas potências industriais europeias, quando nações africanas e asiáticas foram ocupadas territorialmente e exploradas por grandes companhias capitalistas, em busca de matéria-prima, mercado consumidor e mão de obra barata, fortalecendo ainda mais o mercado europeu¹¹.

Não obstante a ascensão burguesa, existe a classe proletária, que é o motor desse grande sistema integrado onde nem todos gozam dos mesmos privilégios sociais e do poder de compra. Ao observar as desigualdades sociais próprias do capitalismo, surgem os pensadores que irão propor uma nova dinâmica social a fim de diminuir e até extinguir as diferenças sociais entre ricos e pobres, pregando a igualdade social, como o socialismo científico, o marxismo e o anarquismo. De acordo com estes pensamentos, a sociedade deveria ser mais horizontalizada, assim sendo, o poder eclesiástico seria diretamente afetado por ser uma sociedade hierarquizada.

Em 1917 a Revolução Bolchevique¹² implantou o socialismo na Rússia tentando colocar em prática as ideias de Marx, e ao longo do século XX verificam-se outras revoluções operárias com a mesma finalidade. Por isso, que ao falar sobre Concílio Vaticano II, é fundamental que haja contextualização histórica sobre os séculos XIX e XX, por ter sido um longo período de profundas transformações.

O posicionamento da Igreja foi temeroso diante do advento de novas correntes filosóficas e, não por coincidência, o século XIX e a primeira metade do século XX foram marcados por Papas conservadores que temiam que a ortodoxia católica se fragilizasse diante dos movimentos e das revoluções que mudaram a mentalidade europeia neste período. Daí, o posicionamento conservador classificar esse período histórico de anticlerical.

⁹ ARRAES, V.C. *De Pio XII a Paulo VI: do conservadorismo à incerteza da renovação durante a Guerra Fria*. Revista de Informação Legislativa, Brasília-DF, v. 42, n.165, 2005, p. 77-98.

¹⁰ SOUZA, N. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. IN: BOMBONATTO, V.I. e GONÇALVES, P.L. (ORG.) *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 17

¹¹ BLAYNE, G. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: ed. Fundamento, 2011, p. 285.

¹² BLAYNEY, G. *Uma Breve História do Século XX*. São Paulo: Ed. Fundamento, 2008, p. 69.

Ao assumir o Papado, João XXIII entendeu que o processo de *Aggiornamento* da Igreja era necessário, pois esta não acompanhara a dinâmica histórica no último século¹³.

O Modernismo e o Tradicionalismo dentro da Igreja nos séculos XIX e XX

Mesmo com o pontificado dos Papas conservadores, houve dentro da Igreja o advento do movimento modernista, diretamente influenciado pelo Cientificismo e por transformações seculares do século XIX. Entende-se por modernismo¹⁴, um fenômeno ocorrido dentro da Igreja Católica no final do século XIX e na primeira metade do século XX, que buscava adaptação da doutrina e da estrutura católica ao pensamento contemporâneo. Os adeptos desse movimento se entendiam como renovadores internos da Igreja e queriam adaptá-la, no discurso e na pastoral, ao mundo moderno.

Os modernistas não queriam romper com o catolicismo, queriam estruturá-lo de forma mais consonante às transformações pelas quais a Europa atravessava na economia, na ciência, na filosofia etc. Por essa razão, os modernistas chamaram o período compreendido entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX de Renascença Católica¹⁵, uma vez que tinham esperança de que a Igreja pudesse acompanhar o advento de um novo modo de ver a sociedade, reconhecendo a primazia científica e racional, e assim modelando e adaptando seus dogmas de fé ao mundo científico, e não mais como detentora das verdades absolutas e imutáveis reveladas por Deus, tanto pela bíblia como também pela Tradição¹⁶.

Pela ótica modernista, a fé no transcendental continuaria existindo, mas a Igreja submeteria sua doutrina aos métodos científicos, e a catequese não seria mais dogmática, ela seria relativa de acordo com o conhecimento científico. Partindo desse entendimento, é claro que haveria um choque dentro da Igreja Católica, visto que a Igreja entende que os dogmas são verdades absolutas de fé atemporais a serem transmitidas aos fiéis para que estes creiam em seus ensinamentos e assim obtenham a salvação eterna. E por serem essas verdades reveladas por Deus por meio da bíblia e por meio do Magistério da Igreja, e uma vez declaradas como dogmas, são intocáveis e não estão à disposição do mundo científico para serem averiguadas. Sabendo da concepção conservadora da Cúria Romana nesse contexto histórico, o modernismo eclesial seria combatido e condenado pela Igreja. Dessa forma, é natural prever que o Papa Pio IX não aceitasse dialogar com

¹³ SOUZA, 2004, p. 18.

¹⁴ Entende-se por modernismo ou movimento modernista o conjunto de movimentos culturais, escolas e estilos que permearam as artes e o design da primeira metade do século XX. Apesar de ser possível encontrar pontos de convergência entre os vários movimentos, eles em geral se diferenciam e até mesmo se antagonizam. Encaixam-se nesta classificação, dentre outros campos culturais, a literatura, a arquitetura, design, pintura, escultura, teatro e a música modernas.

¹⁵ FELÍCIO, M.R. *Na viragem do século (XIX-XX): a crise modernista*. Máthesis: Viseu, 2002, p. 373.

¹⁶ A conjugação entre a bíblia e a tradição oral forma o Magistério da Igreja Católica.

nenhuma teologia ou discurso racionalista que abrisse margem para que a fé católica fosse posta em questão.

Em resposta ao modernismo e ao racionalismo do século XIX, entre 1869 e 1870, a Igreja se posicionou diante do mundo por meio do Concílio Vaticano I: condena o modernismo e reafirma sua verdade de fé; publica como dogma a Infallibilidade Papal e condena o ateísmo, o racionalismo, o materialismo e a separação de Igreja e Estado, chamado de galicanismo. Essa sequência de fatos gerou uma centralização no catolicismo romano¹⁷. Portanto, pelo discurso conciliar, verifica-se o contexto histórico pelo qual a Igreja passava e nota-se que naquele momento, a Cúria Romana estava pouco interessada no diálogo convergente com o mundo moderno, diferentemente do Concílio Vaticano II. Esse posicionamento católico do século XIX deixou pendências que precisariam ser abordadas no século seguinte no Concílio que se realizaria¹⁸.

A França foi vanguardista em relação ao movimento modernista e se destacou muito com a criação do Instituto Católico de Paris em 1875¹⁹. Nesse instituto, o modernismo se comunicou fortemente com a renovação das ciências sagradas e a busca pela crítica histórica ganharam forças. Merece destaque o Padre Louis Duchesne (1843-1922) e seu discípulo o Padre Alfred Loisy (1857-1940)²⁰, porque ambos fizeram uma exegese bíblica com critérios históricos próprios do século XIX²¹.

Alfred Loisy, ordenado padre em 1879, tornou-se uma figura polêmica. É dele a afirmação de que “Jesus anunciou a vinda do Reino de Deus, mas o que veio depois foi a Igreja”²², e suas opiniões começaram a ser aceitas por vários estudiosos católicos. Em sua “**Memoire I**”, ele critica a ortodoxia tradicional que afirma a imutabilidade da Verdade a qual, para ele, se define incessantemente e é determinada conforme as necessidades e oportunidades do tempo. Ele estudou diversas línguas orientais e em 1885 abandonou totalmente a ortodoxia, porém sem deixar o sacerdócio e a Igreja. Concluiu o doutorado em Teologia em 1890 e passou a estudar a Bíblia, reconsiderando fatos fundamentais para a Igreja sobre a vida e origem de Cristo. Em 1903, o Santo Ofício colocou cinco obras do Pe. Loisy no **INDEX**²³ em função de vários erros doutrinários.

¹⁷ MEDEIROS, W.S. *Concílio Vaticano I (1869-1870): Centralização do Catolicismo*. Revista Eletrônica Discente de História.com. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Cruz das Almas, Ano 1, Volume 1, 2013, p. 3.

¹⁸ As diferentes posições entre o Concílio Vaticano I e o Concílio Vaticano II foram determinantes para a divisão formal do catolicismo no século XX.

¹⁹ COMBY, J. *Para ler a História da Igreja II*. De século XV ao século XX. São Paulo: Ed. Loyola, 1994, p. 175.

²⁰ GIBELLINI, R. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Ed. Loyola, 1998, p. 154.

²¹ FELÍCIO, 2002, p. 375.

²² FELÍCIO, 2002, p. 375.

²³ O *Index Librorum Prohibitorum*, em tradução livre o Índice dos Livros Proibidos, foi uma lista de publicações literárias que eram proibidas pela Igreja Católica e as regras para que um livro entrasse nessa lista. A primeira versão do *Index* foi promulgada pelo Papa Paulo IV em 1559 e uma versão revista desse foi autorizada pelo Concílio de Trento. A última edição do índice foi publicada em 1948 e o *Index* só foi abolido pela Igreja Católica em 1966 pelo Papa Paulo VI. Nessa lista

O Modernismo teve outros representantes em outros países europeus: **Padre Salvatore Minocchi** [1869-1943], italiano e ordenado em 1892. Racionalista, ele procurava conciliar a ciência e a filosofia moderna com a doutrina da Igreja; **Padre Romolo Murri** (1870-1944), ordenado presbítero em 1893, seguiu o pensamento do filósofo Antonio Labriola na interpretação do materialismo histórico; **Padre Ernesto Buonaiuti** (1881-1946), ordenado sacerdote em dezembro de 1903²⁴, ficou muito conhecido e sofreu muitas críticas do clero conservador durante o século XX. Já no seminário ele era contestador e habitualmente criticava as regras do seminário as quais qualificava como “**exemplos de estupidez**”. Difundiu teses modernistas no seminário, através de apostilas distribuídas *discretamente*. Fundou e dirigiu pessoalmente a **Rivista Storico-Critica delle Scienze Teologiche** (1905 -1910) e a **Nova et Vetera** (1908) condenada pelo Vaticano. Nessa revista, Buonaiuti defendia a **abertura ao socialismo** – apresentada através das *Lettere di un prete modernista* (1908) – na direção totalmente contrária à Encíclica **Pascendi Domini Gregis**, do Papa Pio X, que em 1907 condenou o Modernismo²⁵. Totalmente contrário à Escolástica, Buonaiuti defendia ainda ser dever essencial do clero da sua geração eliminar a “*contradição entre as conclusões das disciplinas morais e históricas aplicadas ao fato religioso e ao fato cristão, bem como as proclamações assim chamadas infalíveis dos últimos concílios ecumênicos, o de Trento e do Vaticano*”²⁶.

Seguindo ainda a linha modernista, o padre irlandês George Tyrrell (1861-1909)²⁷, ordenado sacerdote jesuíta em 1891, criticou a Infalibilidade Papal definida no Concílio Vaticano I. Ele defendia o direito de cada época de adaptar o pensamento histórico-filosófico do cristianismo às convicções contemporâneas, afirmava que a Igreja é um organismo puramente espiritual e que a fé não é uma adesão intelectual a um sistema espiritual.

Em resposta a este movimento crescente e preocupante, o conservador Papa Pio X elaborou o Juramento Antimodernista em setembro de 1910, que evidencia-se no seguinte trecho:

(...) Desaprovo também e rejeito a opinião de quem pensa que o homem cristão mais instruído se reveste da dupla personalidade do crente e do histórico, como se ao histórico fosse lícito defender teses que contradizem a fé o crente ou fixar premissas das quais se conclui que os dogmas são falsos ou dúbios, desde que não sejam positivamente negados. Condeno igualmente aquele sistema de julgar e de interpretar a sagrada Escritura que, desdenhando a tradição da Igreja, a analogia da fé e as normas da Sé apostólica, recorre ao método dos racionalistas e com desenvoltura não

estavam livros que iam contra os dogmas da Igreja e que continham conteúdo tido como impróprio.

²⁴ FELÍCIO, 2002, p. 376.

²⁵ FELÍCIO, 2002, p. 379.

²⁶ Disponível em http://traditioninaction.org/ProgressivistDoc/A_171_Buonaiuti.html. Acessado em 02 de abril de 2015.

²⁷ FELÍCIO, 2002, p. 376.

menos que audácia, aplica a crítica textual como regra única e suprema. Refuto ainda a sentença de quem sustenta que o ensinamento de disciplinas histórico-teológicas ou quem delas trata por escrito deve inicialmente prescindir de qualquer ideia pré-concebida, seja quanto à origem sobrenatural da tradição católica, seja quanto à ajuda prometida por Deus para a perene salvaguarda de cada uma das verdades reveladas, e então interpretar os textos patrísticos somente sobre as bases científicas, expulsando toda autoridade religiosa, e com a mesma autonomia crítica admitida para o exame de qualquer outro documento profano. Declaro-me enfim totalmente alheio a todos os erros dos modernistas, segundo os quais na sagrada tradição não há nada de divino ou, pior ainda, admitem-no, mas em sentido panteísta, reduzindo-o a um evento pura e simplesmente análogo àqueles ocorridos na história, pelos quais os homens com o próprio empenho, habilidade e engenho prolongam nas eras posteriores a escola inaugurada por Cristo e pelos apóstolos. Mantenho, portanto, e até o último suspiro mantereí a fé dos pais no carisma certo da verdade, que esteve, está e sempre estará na sucessão do episcopado aos apóstolos, não para que se assuma aquilo que pareça melhor e mais consoante à cultura própria e particular de cada época, mas para que a verdade absoluta e imutável, pregada no princípio pelos apóstolos, não seja jamais crida de modo diferente nem entendida de outro modo (...)²⁸.

Esse juramento fala por si mesmo, a preocupação com o entendimento modernista dentro da Igreja era grande, porque questionava, através do relativismo, a autoridade eclesiástica e a veracidade das fontes de revelação da fé. Preocupações estas muito próprias do final do século XIX e início do século XX dentro da Igreja Católica. Enquanto parte do clero católico concordava com a hermenêutica modernista, havia o clero conservador que entendia, que servir à Igreja e a sua doutrina é defender a Igreja do relativismo, conservando seus dogmas imutáveis e atemporais, e que cabe à Igreja transmitir a mensagem cristã ao mundo, sem, no entanto, deixar-se influenciar por pensamentos seculares. Por isso, os conservadores enxergam na figura do sacerdote uma pessoa retirada do mundo, voltada para o transcendental.

Após a Revolução Francesa, foi possível perceber ares anticatólicos²⁹ em determinados grupos sociais na Europa. Por isso, os conservadores condenavam a modernidade e confirmavam sua fé na ortodoxia católica, sem abrir possibilidade de diálogo com qualquer discurso que pusesse a doutrina católica vulnerável às interrogações científicas e filosóficas próprias daquele momento. Dessa forma, o embate entre os conservadores e progressistas dentro da Igreja se iniciou no século XIX, atravessou o século XX, e até nos dias atuais as divergências ainda não chegaram ao fim³⁰. O que

28

Disponível

em:

<http://www.montfort.org.br/old/index.php?secao=documentos&subsecao=decretos&artigo=antimodernismo&lang=bra>. Acessado em 11 de julho de 2015.

²⁹ FELÍCIO, 2002, p. 383

³⁰ Atualmente, a Igreja Católica não rejeita a ciência e nem se recusa a estudar a teologia dentro de uma perspectiva acadêmica, assim como submeter-se ao parecer científico diante de fatos sobrenaturais, quando estão se averiguadas a possibilidades de canonização dos santos. A divergência que existe entre o clero progressista e conservador atualmente dentro do catolicismo é amplo, e uma das divergências está no entendimento teológico, doutrinário e litúrgico: questões como a comunhão para divorciados; sobre a validade da missa de Paulo VI; formas de se celebrar a liturgia e o posicionamento do sacerdote diante da comunidade; adesão à Teologia da Libertação na América

ocorreu no século XX pode-se verificar com crescimento do modernismo em detrimento da visão conservadora que tendia a condenar o mundo moderno.

Turbulências do século XX e antecedentes do Concílio

Após as complexas transformações ocorridas no século XIX, deu curso ao primeiro grande evento desse século ocorrido em 1914, quando teve início a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Esse evento fragilizou o modelo eurocêntrico de modernidade, até então colonialista, imperialista e capitalista³¹, e a partir de 1918, com a Europa dilacerada pela guerra e a conseqüente ascensão estadunidense, o mundo começou a se tornar mais global e outros modelos começaram a se destacar, como o socialismo na Rússia. Portanto, o mundo começou a se tornar mais complexo, e o século XX foi por excelência o palco dos conflitos globais e também da percepção do diferente, ainda que com lentidão.

No ano que teve início a primeira guerra mundial, o Cardeal Giacomo della Chiesa foi eleito Papa com o nome de Bento XV (1914 e 1922). Ele conduziu a Igreja durante a guerra, e não assumiu partidarismo durante o conflito, entretanto não se furtou ao dever de exortar a paz e acudir os feridos. Tentou sem muito sucesso negociar a paz; o Vaticano havia sido excluído das negociações de paz no final da guerra. Após o armistício de 1918, Bento XV dedicou-se à reforma administrativa da Igreja com o intuito de adaptar ao novo sistema internacional emergente, essa adaptação trazida pela I Guerra não terminou em Bento XV, os anos de instabilidade política, econômica e os resquícios da I Guerra atingiram diretamente a Igreja³².

Após o falecimento de Bento XV, a Igreja Católica Romana elegeu o Cardeal Ambrogio Damiano Achille Ratti para o Papado. Tinha início o pontificado de Pio XI (1922-1939). Árduo e que precisa ser entendido dentro do seu contexto histórico: fascismo, nazismo, stalinismo, Guerra Civil Espanhola, e a Igreja Católica vivendo sérias restrições por esses regimes que causariam a Segunda Guerra Mundial. Essa animosidade explica sua política de propostas alternativas ao Totalitarismo em ascensão naquele momento na Europa, de modo particular com Mussolini, haja vista o Tratado de Latrão, em 1929, quando o Vaticano e a Itália fizeram um acordo territorial criando o Estado do Vaticano³³.

Em 1931, Pio XI criou a Rádio Vaticano com a indenização recebida. Essa estação de rádio ajudou a aproximar o Papa e os católicos de todo o mundo, pois de alguma forma o Papa tornava-se mais acessível e ganhava voz que se expandiria por todo mundo. A perda

Latina etc. O teólogo Leonardo Boff atualmente tem se dedicado à chamada ecoteologia, um trabalho voltado para o discurso do bem estar e a defesa do meio ambiente que vão muito além do discurso tradicional.

³¹ SOUZA, N. GONÇALVES, P.S.L. *Catolicismo e sociedade contemporânea: do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 101-102.

³² SOUZA, N. GONÇALVES, P.S.L. 2013, p. 101.

³³ SOUZA, N. GONÇALVES, P.S.L. 2013, p. 103.

territorial foi um duro golpe para a Igreja que a duras penas entendia que o mundo já não era o mesmo, e que seu raio de influência estava ficando cada vez mais minado, por isso o *Aggiornamento*, se fazia cada vez iminente.

Em 10 de fevereiro de 1939, o Papa Pio XI faleceu. Chegava ao fim o pontificado do 259º Papa. Seu sucessor foi o Cardeal Eugenio Maria Guiseppe Giovanni Pacelli, Papa Pio XII. Considerado o último Papa adepto do antimodernismo, conforme suas mensagens, discursos e encíclicas evidenciam: rejeitou doutrinas evolucionistas, existencialistas, historicistas e suas intervenções na teologia católica foram importantes, haja vista as censuras feitas ao teólogo Yves Congar³⁴, ao filósofo Jacques Maritain³⁵, ao teólogo Marie-Dominique Chenu³⁶, Henri-Marie de Lubac³⁷ e aos padres operários franceses. A preocupação de Pio XII com o movimento dos padres operários franceses está diretamente ligada ao contexto pelo qual o mundo passava a partir da segunda metade da década de 1940, a Guerra Fria. Diante de tais fatos, percebe-se que Pio XII exerceu um pontificado conservador, assim como seus últimos antecessores³⁸.

Embora o stalinismo tenha sido um regime muito duro para o povo soviético, o ideal comunista ganhara muito espaço entre os operários do mundo todo. Por isso, Pio XII temia que esses ideais comunistas encontrassem abertura entre os padres operários, e assim se instalasse dentro da Igreja, influenciando-a por condução do seu próprio clero. Por essa razão, o movimento dos padres operários franceses foi extinto por Pio XII em março de 1954, com a ajuda do eminente Cardeal Alfredo Ottaviani, chefe do Tribunal do Santo Ofício³⁹.

Naquele momento, o mundo buscava um novo direcionamento, afinal, a Europa estava se reerguendo da Segunda Guerra Mundial. A própria URSS, sob o secretariado de Nikita Khrushchov, também promovia seu *Aggiornamento* através da Desestalinização⁴⁰. E o diálogo nos anos 60 entre o Vaticano e Moscou se deu porque a URSS passou por esse

³⁴ Yves Congar (1904-1995). Dominicano francês, ordenado presbítero católico em 1930 e professor de teologia. Em 1994 recebeu título de Cardeal pelo Papa João Paulo II. Durante o Concílio Vaticano II foi um dos principais teólogos devido à sua influência. MATTEI, 2013, p. 57.

³⁵ Jacques Maritain (1882-1973). Discípulo do filósofo Henri Bergson, converteu-se ao catolicismo em 1906 com a sua esposa Raïsa, uma judia de origem russa. Depois de ter sido próximo da *Action Française*, distanciou-se de Maurras apresentando-se como novo *maître à penser* do mundo católico. Durante a segunda guerra mundial ficou na América, em 1944 foi eleito embaixador francês junto da Santa Sé (1944-1948). Depois, voltou para os Estados Unidos onde foi professor em Princeton. MATTEI, 2013, p. 60.

³⁶ Marie-Dominique Chenu (1895-1990), dominicano francês, estudou no *Angelicum* de Roma com o padre Garrigou-Lagrange e foi professor de História Eclesiástica na Faculdade de *Le Saulchoir* entre 1920 e 1942. No Concílio, foi conselheiro de Monsenhor Claude Rolland. MATTEI, 2013, p. 56.

³⁷ Henri-Marie de Lubac (1896-1991) teólogo jesuíta ordenado em 1927. Professor de Teologia em Lyon, foi consultor da Comissão Teológica Preparatória e depois perito durante o Concílio. Em 1983, o Papa João Paulo II o fez Cardeal da Igreja. MATTEI, 2013, p. 59.

³⁸ BENQUET, P. CAMDESSUS, C. *A Guerra Perdida do Vaticano II*. [Filme-Vídeo]. Produção de Christine Camdessus e direção de Patrick Benquet. Paris. Canal France 3, 2012. 87 min. Color. Son.

³⁹ Disponível em <http://www.histoire.presse.fr/actualite/infos/qui-a-peur-des-cures-rouges-01-03-2004-8703>. Acessado em 02 de abril de 2015.

⁴⁰ HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 240.

processo e porque João XXIII tornou pública sua intenção de diálogo com o mundo contemporâneo⁴¹. Endossando a nova posição da Igreja Católica e aos novos ares aos quais Moscou aspirava, Khrushchov mandou um telegrama para o Papa João XXIII por ocasião do seu 80º aniversário, em novembro de 1961, e o Papa agradeceu. Outro momento significativo foi o encontro de João XXIII e Alexei Adjubei⁴², genro de Khrushchov e membro do comitê central do partido comunista soviético. Naturalmente, os conservadores reprovaram esse encontro, função da aversão ao comunismo.

O Papa João XXIII pôs em prática medidas novas para a Igreja Católica, abrindo a Igreja para novas situações. Entretanto, é importante pensar que estas transformações estavam sendo gestadas nos anos anteriores a João XXIII. Por mais conservador que fosse, Pio XII não ficou indiferente ao mundo e sabia das mudanças e das buscas por novas realidades no mundo de forma positiva, ainda que seu entendimento de Igreja tendesse para uma conduta mais comedida, já que a Igreja não deveria atender às modas do mundo secular. Pio XII sabia que o posicionamento conservador e dogmático do Concílio Vaticano I tinha deixado em aberto questões complexas para serem abordadas pela Igreja no século XX. Entretanto, Pio XII, além de seu caráter e formação conservadores e excessivamente prudentes, estava cercado pelo ambiente muito conservador da Cúria, o que restringia as possibilidades de ele convocar um novo Concílio. O discurso após o término da Segunda Guerra Mundial mostra sua consciência de que o mundo se transformara nos anos do conflito, e que era necessário um grande esforço para manter a paz mundial.

Não é, no entanto, fácil, em meio a tanto desarranjo de coisas, enquanto a disposição de muitos ainda permanece agitada de sentimento de vingança, alcançar uma paz que seja igualmente moderada pela equidade e pela justiça, que satisfaça com fraterna caridade as aspirações de todos os povos e elimine os germens latentes das discórdias e das rivalidades. Consequentemente, de modo especial são esses que têm necessidade das luzes celestes, cabendo-lhes o gravíssimo encargo de resolver tal problema, de cujo juízo depende a sorte não apenas de sua nação, mas também de toda a humanidade e das futuras gerações (...) Considerem estes, refletindo atentamente diante de Deus, que tudo o que ultrapassasse os limites da justiça e da equidade, certamente, cedo ou tarde, voltaria com enorme dano para os vencidos e vencedores, pois aí estaria escondida a semente de novas guerras⁴³.

A centralização que Pio XII adotou explica sua preocupação com os rumos pelos quais a Igreja andaria neste mundo repleto de incertezas e já com sinais de que os valores

⁴¹ SILVA, W.T. Diálogo por cima dos muros: as encíclicas de João XXIII e o desenvolvimento católico brasileiro. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Araucária, Ano III, n. 8, p. 211-225, Set. 2010. p. 212.

⁴² Disponível em: http://www.news.va/pt/news/concilio-vaticano-ii-joao-xxiii-a-igreja-e-a-relac_. Acessado em 01 de julho de 2015.

⁴³ PIO XII, Discurso radiofônico de Ecco Alfine Terminata. Fim da guerra na Europa. 09 maio 1945. Vaticano: site oficial. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1945/documents/hf_p-xii_spe_19450509_radiomessage-war.html. Acessado em 01 de julho de 2015.

da juventude haviam mudado, tornando mais complexa as relações sociais, em função de questões existencialistas que permeavam a mentalidade do europeu no Pós-Segunda Guerra⁴⁴. Por isso, ele buscou transmitir a doutrina da Igreja com um significativo número de encíclicas e de documentos, basta observar *Mystici Corporis*⁴⁵ (1943) e *Humani Generis*⁴⁶ (1950). A primeira encíclica foi um posicionamento da Igreja frente a *Nouvelle Théologie*⁴⁷ na qual Pio XII trata a identidade da Igreja e seu ordenamento diante desse novo entendimento teológico que ganhara força na França, principalmente nos anos 40. A segunda encíclica determina a posição do pontífice sobre a teoria evolucionista, recusando, ainda que indiretamente, o posicionamento de Teilhard de Chardin. Com um tom ameno, em linhas gerais, chama atenção por não conter acusações pessoais. A devoção à Virgem Maria teve relevância no pontificado de Pio XII, quando, em 1950, proclamou o dogma da Assunção de Nossa Senhora pela Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*⁴⁸.

A teologia tomou muito tempo e consumiu muito trabalho de Pio XII, por isso ele negligenciou outras atividades. Desta forma, em seu pontificado a Cúria Romana avançou com sua influência dentro da Igreja. Exemplo disso foi a extinção dos padres operários franceses, conforme já foi mencionado. Outro fato foi a proibição dos teólogos progressistas de lecionarem em universidades católicas quando assumiram o silêncio obsequioso. Entretanto, estes mesmos padres irão influenciar o Vaticano II: Yves Congar, Henri de Lubac e Jean Daniélou⁴⁹, no Concílio, tiveram voz prestando auxílio teológico aos Bispos e Cardeais progressistas.

O livro do teólogo jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin⁵⁰ *O fenômeno Humano* foi impresso e publicado por uma editora não católica⁵¹. Portanto, esse indício e outros semelhantes justificam as queixas de que dentro da própria Igreja havia restrições sérias ao seu próprio clero, não havendo possibilidade de diálogo e de entendimento entre pensamentos diferentes, se não aqueles aprovados e de acordo com o pensamento da Cúria, em que muitos cardeais ainda conservavam com a mentalidade da monarquia

⁴⁴ Disponível em <http://icsxx.weebly.com/existencialismo.html>. Acessado em 02 de julho de 2015.

⁴⁵ Disponível em http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html. Acessado em 03 de julho de 2015.

⁴⁶ Disponível em http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html. Acessado em 03 de julho de 2015.

⁴⁷ A Nova Teologia ou *Nouvelle Théologie* foi um movimento surgiu na virada da década de 1930 para a década de 1940 em um convento cisterciense na Bélgica. Ainda no final dos anos 30, esta teologia se fortaleceu entre teólogos franceses como Pierre Teilhard de Chardin, em teologia e ciência; Henri de Lubac, em teologia e catolicidade; Jean Daniélou, em teologia e história; Marie-Dominique Chenu, em teologia dos sinais dos tempos e Yves Congar, da eclesiologia ao ecumenismo. Disponível em <http://vatican2-en-questions.org/la-nouvelle-theologie/>. Acessado em 03 de julho de 2015.

⁴⁸ Disponível em http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html. Acessado em 03 de julho de 2015.

⁴⁹ SOUZA, N, e GONÇALVES, P.S.L. 2013, p. 107.

⁵⁰ Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) jesuíta francês ordenado em 1911. Paleontólogo e cientista, foi censurado pela Santa Sé em função das suas teses heterodoxas. MATTEI, 2013, p. 58. Chardin influenciou a Teologia do século XX em função de suas abordagens existencialistas próximas das teses do filósofo Jean Paul Sartre.

⁵¹ SOUZA, N, e GONÇALVES, P.S.L. 2013, p. 107.

eclesiástica dos séculos anteriores. Sabendo desta crise e de entendimentos díspares dentro do seu clero, Pio XII considerava a possibilidade de um Concílio. Entretanto, sua saúde fragilizada inviabilizou que o Concílio se realizasse durante seu pontificado. Nos anos seguintes, a tendência tridentina foi enfraquecendo, a ponto de serem chamados de minoria pelos historiadores que retrataram o Concílio Vaticano II. E, dentro do processo histórico que foi sendo gestado nas últimas décadas, vão sendo colocados os pilares do diálogo com a pós-modernidade. Este diálogo terá seu maior momento durante o Concílio Vaticano II, momento em que vários padres conciliares buscarão reconciliar a Igreja com o mundo moderno, tendo em vista que a condenação já não será mais o caminho a ser percorrido.

Os movimentos bíblicos e litúrgicos ganharam muito espaço nos anos 1920 e 1930, e influenciaram a mentalidade teológica da década de 1940. A exegese bíblica católica ficou ultrapassada em relação à exegese protestante, por isso os teólogos católicos aprenderam com os exegetas protestantes o aproveitamento das ciências auxiliares como a linguística, a arqueologia e a ciência comparada das religiões⁵². Nesse aspecto, a exegese católica começou a se tornar menos dogmática e mais científica, sem perder seu parâmetro de fé.

Outro importante fator foi o reencontro da Patrística e o estudo da história eclesiástica; este reencontro beneficiou o movimento litúrgico e o movimento bíblico. A influência medieval de São Tomás de Aquino cedeu lugar a um diálogo com o existencialismo moderno e a filosofia fenomenológica⁵³. Teilhard de Chardin alçou a tentativa de conciliar fé e ciência, com um posicionamento evolucionista do mundo e da humanidade, ele inspirou uma nova e mais ampla inteligibilidade da condição do homem, até mesmo em sua dimensão religiosa. Diante de tanta complexidade, dificilmente o João XXIII poderia dar continuidade a uma Igreja excessivamente romana em um mundo repleto de novidades científicas, sociais, culturais e até mesmo rodeada por novos entendimentos teológicos⁵⁴.

A eleição do João XXIII e o anúncio do Concílio

Em outubro de 1958 chegou ao fim o pontificado de Pio XII. No mesmo mês, a Igreja reuniu-se para o conclave, no qual foi eleito o Patriarca de Veneza, o Cardeal Angelo Giuseppe Roncalli, que adotou o nome de Papa João XXIII. Tinha início então um novo período na Igreja Católica. Seu pontificado durou cinco anos, 1958 a 1963. Sua eleição foi uma surpresa, pois Roncalli era desconhecido e não exercia grande influência sobre a Cúria. A eleição de um homem idoso e por não se tratar de um forte nome da Cúria com

⁵² SOUZA, N, e GONÇALVES, P.S.L.2013, p. 108.

⁵³ SOUZA, N, e GONÇALVES, P.S.L. 2013, p.110.

⁵⁴ Não obstante a este fato, é determinante pensar o advento do terceiro mundo e o processo de descolonização da África e Ásia.

ideias excessivamente modernistas, Roncalli era visto com bons olhos pelos setores conservadores e por isso não se esperava dele nenhuma medida que fosse mudar significativamente as estruturas da Igreja.

Enquanto Cardeal, Roncalli foi núncio na Bulgária e na França⁵⁵, ele não teve grande destaque nos cargos eclesiásticos. Havia, por isso, uma certa decepção com o nome anunciado após sua escolha. Embora houvesse a necessidade, não se sabia se ele abriria um diálogo com o mundo secularizado. Roncalli era um homem de hábitos simples o que contrastava com a erudição de Pio XII. Tendo em vista o anonimato de Roncalli, os rumores se direcionavam para a ideia de que esta escolha acontecera em decorrência de um acordo entre os conservadores e progressistas, uma vez que até então não havia nenhum outro nome à altura de um longo papado da mesma envergadura intelectual e teológica de Pio XII. Diante de tais elementos, é possível entender que o conclave que escolheu João XXIII queria naquele momento um papa de transição.

Conhecido por ser carismático, João XXIII surpreendeu o mundo ao anunciar a realização de um novo concílio, apenas três meses depois de se tornar Papa. Ele revelou sua intenção de iniciar durante seu pontificado uma grande reforma da Igreja, por intermédio de um Concílio Ecumênico. Por isso, o Cardeal Giacomo Lercaro⁵⁶ e o Cardeal Giovanni Battista Montini⁵⁷ ficaram preocupados, pois sabiam que esse Concílio poderia representar o avanço dos setores conservadores da Igreja, tornando-a mais distante do mundo ainda.

Apesar da necessidade de se realizar um novo Concílio para dar continuidade aos trabalhos interrompidos do Vaticano I, não era esse o desejo da Cúria para o futuro próximo da Igreja. Para a Cúria Romana, a ortodoxia católica estava bem guardada em suas próprias mãos, e não havia a necessidade de convocar Bispos do mundo todo para tomar decisões que sempre foram pertinentes à própria Cúria. Este posicionamento explica a posição reacionária de alguns nomes como o Cardeal Giuseppe Siri⁵⁸ e o Cardeal Alfredo Ottaviani⁵⁹ durante o Vaticano II.

⁵⁵ Disponível em http://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20000903_john-xxiii_po.html. Acessado em 01 de julho de 2015.

⁵⁶ Giacomo Lercaro (1891-1976) ordenado padre em 1914, arcebispo de Bolonha entre 1952 e 1968. Feito Cardeal em 1953. Em 1963 foi escolhido pelo Papa Paulo VI um dos moderadores do Concílio Vaticano II.

⁵⁷ Giovanni Batista Montini (1897-1978), membro do clero de Bréscia e 262º Papa. Ordenado padre em 1920. Substituto da Secretaria de Estado para assuntos Ordinários (1952-54); arcebispo de Milão (1954). Cardeal (1958). Eleito Papa em 21 de junho de 1963 com o nome de Paulo VI. MATTEI, 2013, p. 34.

⁵⁸ Giuseppe Siri (1906-1989) estudou na Universidade Gregoriana de Roma. Foi ordenado padre em 1928. Em 1944, Pio XII o fez Bispo titular de Liviade tornando-se Arcebispo de Genova após a morte do Cardeal Pietro Boetto. Em 1953, tornou-se Cardeal e foi presidente da Conferência Episcopal Italiana entre 1959 e 1965. MATTEI, 2013, p. 94.

⁵⁹ Alfredo Ottaviani (1890-1979) ordenado padre da Igreja em 1916, foi secretário da Sagrada Congregação para Assuntos Eclesiásticos Extraordinários (1928-29). Substituiu da Secretaria de Estado da Santa Sé a partir de 1929. Em 1935, entrou para o Tribunal do Santo Ofício como assessor. Ottaviani foi feito Cardeal em 1953 pelo Papa Pio XII. Trabalhou com o Cardeal Pizzardo como pró-secretário da Suprema Congregação. Em novembro de 1959, tornou-se Secretário da mesma. MATTEI, 2013, p. 92.

O termo *Aggiornamento* de fato era desconcertante. O próprio Papa João XXIII não tinha noção das reformas que a Igreja passaria após a convocação do Concílio. Esse era de fato um processo que se iniciara sem que pudesse fazer nenhuma previsão do término, embora a Cúria já tivesse articulado suas medidas com importantes nomes à frente das comissões preparativas do Concílio, para manter a Igreja longe das temidas mudanças pretendidas pelo clero progressista. João XXIII deixou claro sua ótica acerca do Concílio: uma Igreja atualizada com o mundo moderno, sem perder sua identidade eclesial, com um cristianismo mais presente e atuante. O ponto vital dos seus discursos estava na retratação das lacunas da Igreja e no entendimento de que a Igreja precisava mudar.

Diferentemente de outros Papas, João XXIII entendia que o reconhecimento de falhas por parte da Igreja eram virtudes e demérito. Assim sendo, é possível entender que a Igreja estava entrando em um novo momento de sua história, promovendo um novo entendimento sobre ela mesmo. Por isso, o Papa adotou medidas diferentes de seus antecessores: deixou de nomear somente Cardeais italianos, expandindo os horizontes da Igreja ao nomear Laurean Rugambwa⁶⁰, natural da atual Tanzânia e primeiro Cardeal negro da Igreja; Rufino Jiao Santos⁶¹, primeiro Cardeal filipino e Peter Tatsuo Doi⁶², primeiro Cardeal japonês⁶³. João XXIII iniciou ainda um diálogo ecumênico com Geoffrey Fischer⁶⁴, Arcebispo anglicano de Cantuária, com o monge protestante de Taizé Roger Schultz⁶⁵ e com o patriarca ortodoxo Atenágoras⁶⁶. Além do inédito relacionamento com a URSS⁶⁷.

Entretanto, seria infantil acreditar que o pontificado de João XXIII foi totalmente inovador, em alguns aspectos ele manteve o entendimento conservador a respeito da Igreja, pois o processo histórico de mudanças de uma instituição com a estrutura planetária da Igreja Católica Romana tende a ser longo, e o Papa está ligado à Cúria Romana que naquele momento era muito conservadora.

⁶⁰ Laurean Rugambwa (1912-97) ordenado padre em 1943. Bispo de Bukoba entre 1953 e 1968. Em 1960 foi feito Cardeal pelo Papa João XXIII. Entre 1968 e 1990 foi Arcebispo de Dar-es-Salam. Membro da Comissão das Missões. MATTEI, 2013, p. 403.

⁶¹ Rufino J. Santos (1908-1973), ordenado padre 1931. Bispo auxiliar (1947), depois Arcebispo de Manila entre 1953 e 1973. Em 1960, tornou-se Cardeal e foi membro da Comissão Central Preparatória e da Comissão Doutrinal. MATTEI, 2013, p. 273.

⁶² Peter Tatsuo Doi (1892-1970) primeiro Cardeal Japonês. SOUZA, 2004, p. 25.

⁶³ SOUZA, 2004, p. 25.

⁶⁴ Geoffrey Francis Fischer (1887-1972) Arcebispo anglicano da Cantuária. Disponível em <http://www.findagrave.com/cgi-bin/fg.cgi?page=gr&GRid=9945>. Acessado em 08 de fevereiro de 2016.

⁶⁵ Roger Schultz (1915-2005) pastor reformado suíço, fundador e prior da Comunidade Ecumênica de Taizé. Convidado do Secretariado para a unidade dos Cristãos no Concílio Vaticano II. MATTEI, 2013, p. 66.

⁶⁶ Atenágoras I (1886-1972) foi Patriarca de Constantinopla ao longo de 24 anos (de 1948 a 1972). O seu encontro com Paulo VI, em Jerusalém, foi significativo pela anulação das excomunhões do Grande Cisma do Oriente de 1054. Disponível em http://pt.radiovaticana.va/storico/2014/01/04/h%C3%A1_50_anos,_paulo_vi_peregrino_na_terra_santa_e_historico_abra%C3%A7o_aopor-761177. Acessado em 08 de fevereiro de 2016.

⁶⁷ SOUZA, 2004, p. 25.

A criação do secretariado para a Unidade dos Cristãos foi uma novidade nesse Concílio; esse organismo foi dirigido inicialmente pelo Cardeal alemão Agostinho Bea⁶⁸. Esse órgão ecumênico foi um dos elementos mais dinâmicos da Cúria Romana e uma de suas maiores tarefas foi estabelecer diálogos que levariam a uma representação oficial de quase todas as Igrejas cristãs no Concílio Vaticano II.

As demais religiões cristãs tinham sido convidadas para participação do Concílio Vaticano I, entretanto essa participação exigia que estas Igrejas reconhecessem seus erros e a necessidade de voltarem ao seio da Igreja Católica. Em relação ao Vaticano II, o procedimento foi diferente. As Igrejas não ligadas à Roma foram convidadas como irmãs, com quem a Igreja estava ligada, em função da fé em Cristo e em seu evangelho. Assim sendo, houve respeito pela profissão de fé dessas confissões. Dessa forma, havia um entendimento comum de maior unidade e as Igrejas cristãs foram convidadas a enviar observadores, que assistiriam a todas as sessões conciliares, ainda que sem direito de voto. Os observadores seriam hóspedes do Papa e não pecadores arrependidos e desejosos de retornar à Igreja Católica⁶⁹. O êxito foi considerável, e no início do Concílio, 17 Igrejas estavam representadas.

Fase preparatória e as discussões até a abertura Conciliar

A fase preparatória dividiu-se em dois momentos: o anúncio em 25 de janeiro de 1959 até 05 de junho de 1960, quando teve início a fase preparatória e o início dos trabalhos por parte das comissões preparatórias até a abertura em outubro de 1962⁷⁰. Após o anúncio, João XXIII enfrentou problemas no que se refere à preparação do evento. Após 5 dias de eleito, o Papa comunicou sua ideia ao Cardeal Ernesto Ruffini⁷¹. Em 20 de janeiro de 1959, Domenico Tardini⁷², secretário de Estado, depois de sua audiência com o Papa, resumiu o conteúdo do Concílio: 1- um sínodo romano; 2- um *aggiornamento* do código de direito canônico; 3- um Concílio Ecumênico. Esses três objetivos foram anunciados aos 17 cardeais presentes em 25 de janeiro de 1959, na sacristia da Basílica de São Paulo Extramuros, em Roma.

⁶⁸ MATTEI, 2013, p.133.

⁶⁹ Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat_ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html. Acessado em 10 de julho de 2015.

⁷⁰ SOUZA, N. *Contexto e Desenvolvimento Histórico do Concílio Vaticano II*. IN: BOMBONATTO, V.I. e GONÇALVES, P.L. (ORG.) 2004, p. 26.

⁷¹ Ernesto Ruffini (1888-1967), ordenado padre em 1910, nomeado Arcebispo de Palermo em 11 de outubro de 1945, feito Cardeal em 1946. MATTEI, 2013, p. 104.

⁷² Domenico Tardini (1888-1961), ordenado padre em 1912. Subsecretário da Sagrada Congregação para Assuntos Extraordinários em 1929 e Secretário de Estado de João XXIII em 1958. Nesta ocasião, foi nomeado Arcebispo de Laodiceia e feito Cardeal pelo Papa. MATTEI, 2013. p. 96.

Em um ambiente bastante esperançoso, apesar das incertezas e perplexidade tanto na Igreja como no mundo cristão e na opinião pública em geral, foram tomadas as providências para a convocação da assembleia conciliar. Após o anúncio, os cardeais reagiram com um silêncio absoluto durante seus trabalhos, para não comprometer o Concílio, dando abertura a intervenções externas que em nada ajudariam o andamento dos preparativos conciliares. A presidência das comissões foi confiada ao secretário de Estado, Cardeal Ruffini, surpreendendo a todos que apostavam que a presidência da mesma ficaria por conta do influente Cardeal Ottaviani. Monsenhor Pericle Felici⁷³ ficou com o secretariado.

Dentro da lógica de diálogo, a começar dentro da própria Igreja, a comissão preparatória enviou para os bispos, dicastérios da Santa Sé e faculdades católicas de teologia e de direito canônico do mundo todo, formulários para saber quais assuntos seriam pertinentes para serem abordados pelo Concílio Vaticano II. Nessa perspectiva, a comissão preparatória enviou os formulários e receberam os mesmos formulários oriundos dos cinco continentes com as respostas que eram orientadas de acordo com o pensamento teológico e pastoral de cada realidade episcopal. Uma realidade inédita na história da Igreja Católica⁷⁴.

As respostas aos questionários foram chegando, algumas bastante atrasadas, totalizando 2109 respostas. Foram 2594 bispos, 62 faculdades e 156 superiores de ordens e institutos religiosos incluídos na consulta. O material era amplo e bastante variado, por se tratar de realidades muito distintas⁷⁵. À luz do que a comissão preparatória recebeu, seria difícil convergir todos em uma mesma direção: desde a insistência sobre problemas canônicos e administrativos, até a defesa da tradicional doutrina católica. De fato, nesse Concílio, a Igreja saboreou as benesses e dificuldades da democracia, ainda que em escala menor, tendo em vista o número de votantes envolvidos.

A reforma da Cúria foi um assunto bastante abordado nos textos respondidos. Assim como a colegialidade episcopal, a liberdade de consciência sempre presente no discurso dos bispos dos Estados Unidos, a solicitude ecumênica dos bispos orientais e a questão social. Como era de se esperar, Dom Hélder Pessoa Câmara⁷⁶ foi um importante porta-voz desta questão durante o Concílio nas conversas com outros bispos mais influentes dentro da Cúria, de modo muito particular com o Cardeal Leo-Joseph Suenens⁷⁷.

⁷³ Pericle Felici (1911-1982) ordenado padre em 1933, Arcebispo titular em 1960 e feito Cardeal em 1967. Presidente do Pontifício Conselho dos Textos de Lei (1967) e Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica (1967) MATTEI, 2013, p. 108.

⁷⁴ MATTEI, 2013, p. 114.

⁷⁵ SOUZA, 2004, p. 28.

⁷⁶ Helder Câmara (1909-1999) Arcebispo brasileiro ordenado padre em 1931, sagrado bispo em 1952, exerceu a função de bispo auxiliar da arquidiocese do Rio de Janeiro até 1964, quando fora para a arquidiocese de Olinda e Recife ficando até 1985 quando se aposentou.

⁷⁷ Leo-Joseph Suenens (1904-1996) ordenado padre em 1927. Arcebispo de Malines-Bruxelas entre 1961-1979. Feito Cardeal em 1962, durante o Concílio foi um dos quatro moderadores nomeado em

O secretariado para a unidade dos cristãos e as comissões preparatórias.

Durante a celebração da festa de Pentecostes de 1960, o moto-próprio *Superno Dei Mutu*, dava ao Concílio o nome de Concílio Vaticano II e instituía 10 comissões: 1) teológica 2) clero e povo 3) sacramentos; 4) administração das dioceses; 5) apostolado dos leigos; 6) ordens; 7) estudos eclesiásticos; 8) missões; 9) igrejas orientais e 10) liturgia. Foram criados também dois secretariados para os meios de comunicação social e para unidade dos cristãos⁷⁸.

O secretariado para a unidade dos cristãos teve um papel muito importante durante o Concílio Vaticano II⁷⁹; entretanto, causou polêmica porque os progressistas o enxergavam de forma positiva por apoiarem o diálogo com outras religiões cristãs. Por outro lado, os conservadores entenderam que a Igreja Católica se colocava em pé de igualdade com as demais confissões cristãs, logo reprovavam essa iniciativa, e até então, os Papas pretéritos ao Concílio condenaram o ecumenismo com diversos documentos⁸⁰. Por isso, a iniciativa de dialogar com as demais confissões de fé foi uma novidade polêmica e só aconteceu porque João XXIII apoiou a iniciativa.

As atividades desse secretariado aconteceram sob a responsabilidade do Cardeal alemão Agostinho Bea, confessor de Pio XII durante seu pontificado, jesuíta e reitor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, nomeado Cardeal em 28 de janeiro de 1960. Ao lado do Cardeal Agostino Bea, esse secretariado contou com o trabalho do Arcebispo de Paderborn, Lorenz Jaeger. O Papa João XXIII olhava esse trabalho com atenção, pois se tratava de um marco na história do cristianismo e uma ruptura no tradicional entendimento que a Igreja Católica tinha a respeito das demais religiões.

Com a finalidade de apoiar e organizar o trabalho das demais comissões preparatórias, foi constituída uma comissão central presidida pelo próprio Papa. Seus membros, além do Papa, eram os presidentes das dez comissões, outros cardeais e conselheiros escolhidos com a observação papal.

No final de 1961, havia 846 pessoas trabalhando diretamente na preparação do Concílio. Naturalmente, os principais postos eram ocupados pelos membros da Cúria Romana. A composição das comissões era internacional; entretanto, aproximadamente 80% dos trabalhadores eram europeus. O que justifica essa centralização europeia é o fato de

setembro de 1963 por Paulo VI. MATTEI, 2013, p. 162.

⁷⁸ SOUZA, 2004, p. 30.

⁷⁹ Disponível em https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1981/december/documents/hf_jp-ii_spe_19811219_centenario-bea.html. Acessado em 10 de julho de 2015.

⁸⁰ Disponível em http://w2.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis.html. Acessado em 10 de julho de 2015.

cada pessoa envolvida na preparação ter sido investigada antes pelo Tribunal do Santo Ofício. Nesse caso, é mais fácil verificar a vida de um europeu do que de um prelado de outro continente.

A Itália foi o país com mais pessoas envolvidas, seguida de França, Estados Unidos, Alemanha, Espanha, Bélgica, Holanda. A América Latina, Ásia, África e Oceania somaram juntos 112 participantes. Entre as congregações religiosas, houve a predominância de jesuítas e dominicanos.

Embora João XXIII fosse muito distinto de Pio XII, este influenciou muito o Concílio Vaticano II com os documentos que havia publicado, haja vista os textos elaborados pelas comissões preparatórias e que viriam a ser votados pelos padres conciliares durante o Concílio. Esses textos elaborados pelas comissões eram chamados de esquemas, e cada Bispo ou Padre Conciliar, como ficaram conhecidos os participantes, votaria de acordo com seu entendimento doutrinário e teológico.

O Concílio funcionaria da seguinte forma: cada esquema a ser discutido seria apresentado à Congregação Geral através de um relator determinado pelo presidente da comissão interessada. Em seguida, cada um dos padres conciliares que desejasse intervir para aprovar, corrigir ou recusar o esquema apresentaria seu pedido ao secretário geral, e chegada sua vez, o padre conciliar iria expor seu pensamento sobre o esquema abordado, com o tempo máximo de dez minutos. A Congregação Geral por sua vez, após a réplica do relator, emitiria seu posicionamento sobre o esquema e a justificativa dada pelo padre conciliar autor da intervenção, expondo novamente para a votação, caso não houvesse um acordo entre as partes envolvidas.

O regulamento conciliar era o código do Concílio. Ele determinava as regras para o funcionamento do Concílio Vaticano II, composto de 3 partes, subdivididas em 24 capítulos e 70 artigos. O primeiro ponto trata das pessoas que participariam do Concílio ou prestariam o seu concurso para o desenvolvimento dele. O segundo ponto estabelecia as regras a serem seguidas, enquanto o terceiro ponto orientava sobre o procedimento dos trabalhos.

Um fato precisa ser levado em consideração: como a Igreja Católica não é uma instituição democrática, esse novo entendimento conciliar gerou desconforto em muitos bispos, pois, estavam diante de uma situação nova, o voto. Nesse aspecto, os bispos oriundos de países democráticos, e, portanto, mais habituados às assembleias, tiveram maior desenvoltura na assembleia conciliar e, por isso, tiveram suas vozes ouvidas com maior precisão, se não fossem ouvidos diretamente como arcebispos e cardeais europeus, eles se faziam ouvir ainda que indiretamente, como o fez o então bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Hélder Câmara nas suas conversas com os cardeais progressistas da Igreja. Esse entendimento irá nortear significativamente o futuro do Concílio, uma vez, que prevalecerá o posicionamento das conferências episcopais entendidas como progressistas, principalmente no tocante ao ecumenismo, haja vista a participação de vários pastores

protestantes e sacerdotes da Igreja Católica Ortodoxa⁸¹.

A Abertura Conciliar

A primeira sessão teve início no dia 11 de outubro de 1962. Participaram 2540 padres conciliares com direito a voto na sessão de abertura, um número inédito de participação na história dos concílios. Evidentemente, que esse número sofrerá alterações nas próximas três sessões conciliares em função de novas nomeações, falecimentos e liberações ou impedimentos dos padres conciliares deixarem seus respectivos países em função de regimes ditatoriais⁸².

João XXIII atravessou a porta de bronze sendo levado na sede gestatória até o interior da Basílica de São Pedro. Um novo concílio, um novo entendimento e o Papa não estava usando sua tiara, mas, sim a mitra. Essa atitude inspira maior simplicidade e despojamento. A cerimônia não traz mudanças: todos entoam o *Veni Creator*, e a missa é celebrada pelo Cardeal decano Eugène Tisserant⁸³.

Na sequência, a entronização do Evangelho, a profissão do Credo, a oração do Concílio *Adsumus*. Tendo em vista a pluralidade da assembleia, o evangelho de São Matheus foi cantado em latim, grego, árabe e eslavo.

No discurso de abertura, *Gaudet Mater Ecclesia*⁸⁴, o Papa reafirmava seu pensamento: a exposição da Teologia da Igreja, sua renovação interior, a promoção da unidade dos cristãos, e, enfim, o diálogo com o mundo contemporâneo. Esse Concílio inédito contou com a cobertura inédita da imprensa, tanto, que ao longo das sessões conciliares, foi por meio dos jornais que os bispos se informaram a respeito de muitas notícias sobre o Concílio que eles mesmos promoviam.

João XXIII queria uma Igreja conciliadora, mais evangélica e próxima das pessoas e que expusesse sua doutrina com mais acessibilidade, não somente para os católicos, mas, também para os não católicos. Dessa forma, seria possível o diálogo almejado pelo Papa. Reunidos na nave principal da Basílica de São Pedro, os padres conciliares representavam toda universalidade da Igreja. Neste momento, os cinco continentes estavam representados. Naturalmente, havia uma supremacia europeia, aproximadamente metade dos padres conciliares eram oriundos da Europa, e contava com os personagens mais

⁸¹

Disponível

em

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_16031998_ecumenical-dimension_sp.html. Acessado em 15 de julho de 2015.

⁸² SOUZA, 2004, p. 33.

⁸³ Eugène Tisserant (1884-1972). Ordenado em 1907, escolhido Cardeal em 1936. Secretário da Congregação para a Igreja Oriental, bibliotecário e arquivista, decano do Colégio dos Cardeais. MATTEI, 2013, p. 43.

⁸⁴ SOUZA, 2004, p. 34

influentes. Em função das ajudas financeiras, o episcopado estadunidense também gozava de prestígio junto aos Papas.

O Vaticano II deve ser analisado além dos textos conciliares. A análise deve ser como um todo: o contexto histórico, a preparação, o Concílio e a recepção do Concílio pelo mundo. A preparação dos textos, a votação e a publicação são o extrato dos diferentes posicionamentos assumidos pelos padres conciliares, fossem eles conservadores da Cúria Romana ou progressistas da Europa Central e América Latina.

Em 13 de outubro, durante a Congregação Geral, houve a proposta da eleição das comissões conciliares. Além das dez fichas que indicavam dezesseis nomes, os padres conciliares receberam elencos daqueles que fizeram parte das comissões preparatórias, com a predominância de Cardeais da Cúria. Entretanto, o Concílio Vaticano II foi uma reunião de caráter mundial: havia pessoas do mundo todo, e naturalmente esses bispos não se conheciam. Assim sendo, o Cardeal Achilles Liénart propôs que a eleição não ocorresse naquele momento, pois havia a necessidade de uma maior integração entre os bispos, a fim de que ocorresse uma eleição mais consciente⁸⁵. A partir desse momento, os bispos se reuniram para se informar a respeito dos candidatos e articularem votos em seus candidatos de preferência. Assim, os votos entre as conferências episcopais eram quase unânimes nos mesmos candidatos, uma vez que os bispos eleitores influenciavam os votos dos seus conterrâneos.

Entre as conferências episcopais, a que mais agradou aos eleitores foi a conferência francesa, pois, esta organizou uma comissão que elencava bispos do mundo todo, dando um ar de pluralidade e universalidade, diferentemente da conferência italiana que só propôs nomes de bispos italianos para serem votados, 62 no total. As comissões foram compostas por 160 eleitos: 26 latino-americanos, 25 norte-americanos, 19 bispos da Ásia e Oceania, 7 africanos e 83 europeus. A Itália ganhou força quando João XXIII nomeou nove membros em cada uma destas comissões. Em 15 de outubro, João XXIII nomeou alguns bispos como subsecretários oriundos de diferentes países, o que ajudou a internacionalizar mais ainda o Concílio⁸⁶.

As Quatro Sessões

O Concílio Vaticano II tinha quatro preocupações: a exposição da Teologia da Igreja, sua renovação interior, a promoção da unidade dos cristãos e o diálogo com o mundo contemporâneo⁸⁷. Em consonância com o pensamento do Papa João XXIII, seu sucessor, Paulo VI, e a maioria dos padres conciliares também comungavam dessa preocupação, e

⁸⁵ SOUZA, 2004, p. 35.

⁸⁶ SOUZA, 2004, p. 35.

⁸⁷ ALBERIGO, G. *História dos Concílios Ecumênicos*. 1ª edição. São Paulo. Paulus, 1995, p. 395.

por isso, as reformas propostas pela maioria progressista foram realizadas entre outubro de 1962 a dezembro de 1965; no final destas quatro sessões, os padres conciliares teriam aprovado quatro constituições: *Dei Verbum*, sobre a Tradição e fontes de revelação; a *Lumen Gentium*, sobre a relação da Igreja *ad intra*⁸⁸; a *Gaudium et Spes* sobre a pastoral da Igreja e sua relação com o mundo moderno, *ad extra*⁸⁹ e a *Sacrosanctum Concilium*, sobre a liturgia. E além da aprovação dessas quatro constituições apresentadas como documentos de maior relevância, foram aprovadas três declarações e nove decretos⁹⁰. Por isso, o Papa Paulo VI afirmou que o Vaticano II foi um ponto de partida, e o influente teólogo alemão Karl Rahner⁹¹ se referia ao Concílio como um “canteiro de obras”⁹².

O primeiro esquema a ser votado foi sobre a liturgia. Diante do mundo que se desenhava no século XX, de acordo com a maioria do episcopado, a missa em latim e de costas para o povo já não atendia mais às necessidades dos católicos contemporâneos no mundo moderno - tornara-se pouco atrativa e prática em uma época em que os movimentos culturais eram cada vez mais dinâmicos, e a juventude ganhava espaço na sociedade. Daí, a reivindicação da língua vernácula em substituição ao latim durante nas missas e demais cerimônias. Ao observar o formato dessas celebrações tridentinas, os fiéis católicos sempre ficavam alheios às cerimônias que eram presididas pelos padres e ao povo cabia somente a função de assistir sem participação. Essa proposta de reforma confrontou tradicionalistas e progressistas.

A favor da reforma litúrgica e do entendimento mais progressista da Igreja, pronunciaram-se nomes influentes da Igreja, como o Cardeal Belga Leo Joseph Suenens, arcebispo de Malinas-Bruxelas; o Cardeal Franz König⁹³, Arcebispo de Viena; o Cardeal Joseph Frings⁹⁴, Arcebispo de Colônia; o Cardeal Bernard Jan Alfrink⁹⁵, Primaz da Igreja na Holanda; o Cardeal Julius Döpfner⁹⁶, Arcebispo de Munique; o Cardeal francês Achilles

⁸⁸ Uma referência como a Igreja iria proceder internamente no pós-concílio.

⁸⁹ A respeito da relação da Igreja como o mundo moderno e os demais segmentos laicos. Desde a abertura do Concílio, o Papa João XXIII desejou que a Igreja estabelecesse um olhar mais amistoso e próximo do mundo, diferentemente do Concílio de Trento e do Concílio Vaticano I.

⁹⁰ Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm. Acessado em 05 de julho de 2015.

⁹¹ Karl Rahner (1904-1984) membro da Companhia de Jesus e ordenado padre em 1932. Professor de Teologia Dogmática em Innsbruck (1948-1964). Consultor da Comissão Preparatória da Disciplina dos Sacramentos, foi nomeado perito do Concílio em 1962. MATTEI, 2013, p. 182.

⁹² SOUZA, N. GOMES, E.S. Os Papas do Concílio Vaticano II e a Sociedade Contemporânea. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 44, n° 1, p.5 a 27, janeiro-abril. 2014, p. 6.

⁹³ Franz König (1905-2004) austríaco. Arcebispo de Viena entre 1956 até 1985 e um dos principais teólogos do Concílio Vaticano II. Disponível em <http://www.zoroastrian.org.uk/vohuman/Article/Koenig,Cardinal%20Franz.htm>. Acessado em 08 de fevereiro de 2016.

⁹⁴ Joseph Frings (1887-1978) alemão, ordenado padre em 1910. Arcebispo de Colônia entre 1942 e 1969. Feito Cardeal por Pio XII em 1946. Membro da Comissão Preparatória e do Conselho da Presidência. MATTEI, 2013, p. 173.

⁹⁵ Bernard Jan Alfrink (1900-1987) holandês, ordenado padre em 1924, Arcebispo de Utrecht a partir de 1955 e feito Cardeal em 1960. Durante o Concílio, foi membro da Comissão Preparatória e do Conselho dos Presidentes. MATTEI, 2013, p. 115.

⁹⁶ Julius August Döpfner (1913-1976) alemão, ordenado em 1939. Escolhido Cardeal em 1958.

Liénart⁹⁷, Bispo de Lille; Agostinho Bea, Cardeal responsável pelo ecumenismo e demais padres conciliares da Europa central, Estados Unidos e América Latina⁹⁸. O clero progressista da Europa Central era simbolizado pelo Rio Reno⁹⁹ de acordo com a ótica tradicionalista, o clero progressista realizou uma manobra que se sobrepôs à Cúria Romana¹⁰⁰.

Por outro lado, no intuito de defender a Igreja Católica das mudanças modernistas e em defesa da missa tridentina, levantaram-se importantes nomes como o Cardeal Alfredo Ottaviani, Cardeal presidente da Congregação do Santo Ofício; o Cardeal Giuseppe Siri, Arcebispo de Genova; o Cardeal Michael Browne¹⁰¹, superior dos Dominicanos; o Cardeal Ernesto Ruffini, Arcebispo de Palermo; o Cardeal Dino Staffa¹⁰², secretário da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades; o Cardeal Enrico Dante¹⁰³, pró-secretário da Sagrada Congregação dos Ritos; o Cardeal Pietro Parente¹⁰⁴, assessor do Santo Ofício; Monsenhor Marcel Lefebvre¹⁰⁵, Arcebispo responsável pelas missões na África de língua francesa e presidente do *Coetus Internationalis Patrum*¹⁰⁶, Dom Geraldo de Proença Sigaud¹⁰⁷, Arcebispo de Diamantina e Dom Antônio de Castro Mayer, Bispo de Campos dos Goytacazes.

No intuito de conter a onda reformista por parte do clero progressista, o Cardeal Ottaviani lembrou aos participantes que estavam sendo decididos assuntos sagrados, e que, portanto, o texto fosse reelaborado pela comissão teológica, da qual ele era presidente. Apesar de a maioria dos padres conciliares terem sido formados em Roma, os bispos

Arcebispo de Munique e Freising entre 1961-1976.

⁹⁷ Achille Liénart (1884-1973). Bispo de Lille na França entre 1928 a 1968. Durante as aulas conciliares do Vaticano II assumiu uma conduta mais progressista.

⁹⁸ SOUZA, 2004, p. 36.

⁹⁹ MATTEI, 2013, p. 199.

¹⁰⁰ WILTGEN, R. *O Reno se lança sobre o Tibre: O Concílio desconhecido*. 1ª ed. Permanência: Niterói, 2007, p. 9.

¹⁰¹ Michael Browne (1887-1971), dominicano irlandês, ordenado padre em 1910. Professor e posteriormente reitor do Angelicum entre 1923 e 1941. Mestre do Sacro Palácio (1951), mestre geral da ordem dos Dominicanos entre 1955 e 1962. Membro da Comissão Preparatória dos Bispos. Feito Cardeal em 1962 pelo Papa João XXIII. MATTEI, 2013, p. 262.

¹⁰² Dino Staffa (1906-1977) ordenado padre em 1929. Arcebispo titular de Cesarea, secretário da Congregação, Cardeal em 1967. Membro da Comissão Antepreparatória do Concílio Vaticano II. Durante a primeira sessão foi nomeado membro da Comissão dos Seminários, dos Estudos e da Educação Católica. MATTEI, 2013, p. 191.

¹⁰³ Enrico Dante (1884-1967) ordenado padre em 1910. Secretário da Congregação para os Ritos em 1960. Feito Cardeal em 1965. MATTEI, 2013, p. 205.

¹⁰⁴ Pietro Parente (1891-1986) ordenado em 1916, secretário para a Congregação da Doutrina da Fé. Veja, 7 de janeiro, 1987. Edição N° 957, p. 67.

¹⁰⁵ Marcel Lefebvre (1905-1991) Bispo de Tulle, delegado apostólico de toda a África francófona e Superior dos Padres do Espírito Santo. Disponível em <http://www.fsspx.com.br/dom-marcel-lefebvre-e-dom-antonio-de-castro-mayer-10-anos-de-falecimento/>. Acessado em 08 de fevereiro de 2016. Destacou-se pela resistência conservadora ao Concílio Vaticano II.

¹⁰⁶ Grupo de padres conciliares conversadores que se organizaram para conter a onda progressista crescente durante o Concílio. WILTGEN, 2007, p. 152.

¹⁰⁷ Geraldo de Proença Sigaud (1909-1999) Ordenação Sacerdotal: Roma - Itália - 12/03/1932, Ordenação Episcopal: São Paulo SP - 01/05/1947. Foi Bispo da Diocese de Jacarezinho (1947-1961) e Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Diamantina (1961-1980). MATTEI, 2013, p. 73.

africanos, asiáticos e latinos aprovaram a reforma litúrgica devido à experiência pastoral. Naquele momento, a finalidade pastoral proposta por João XXIII começava a ganhar contornos mais claros. A proposta da reforma litúrgica foi além do missal romano, os membros dessa comissão propuseram reforma do breviário: uma melhor escolha e divisão das leituras da Bíblia; abolição das festas dos santos do calendário litúrgico em função do ano cristocêntrico; reforma da música sacra e das artes, do calendário litúrgico e que a Páscoa se tornasse um ponto fixo no calendário. A votação aconteceu no dia 14 de novembro, a maioria esmagadora dos padres conciliares aprovou a reforma do texto. Nesse momento, teve início o processo de reforma litúrgica que culminaria com a elaboração do Novo Missal Romano em 1969.

Assim como o esquema da liturgia, o esquema sobre as Fontes da Revelação também dividiu o clero tradicionalista e o clero progressista. Presidido pelo Cardeal Alfredo Ottaviani, esse esquema tratou sobre a fundamentação da fé católica, e o debate ocorrido entre os padres conciliares se deu porque o clero progressista queria uma maior inserção da Bíblia na liturgia católica, enquanto o clero tradicionalista entendia que este pensamento era norteador por um entendimento protestante dentro do Concílio.

A discussão girava em torno de duas importantes questões: era necessário afirmar, contra os protestantes, que são duas as fontes da Revelação: a Escritura e a Tradição. Era necessário afirmar que alguns eram dogmas fundamentados somente na Tradição ou afirmar que a única fonte da Revelação é a Palavra de Deus, que é alcançada através de dois canais, a Escritura inspirada pelo Espírito Santo e a Tradição transmitida pela Igreja? Esse tipo de afirmação agravaria a situação com os protestantes e ameaçava a reconciliação ecumênica. Além disso, abriu-se uma controvérsia entre os professores da Pontifícia Universidade Lateranense e os membros do Pontifício Instituto Bíblico. Diferentemente daquilo que havia acontecido com o esquema sobre a liturgia que suscitara a oposição dos tradicionalistas, agora eram os progressistas que protestavam. Alguns padres conciliares, entre eles os cardeais Frings, Döpfner, König e Alfrink, refutaram completamente o esquema e propuseram um outro que já estava pronto. Outros, como os cardeais Suenens e Bea e o bispo de Bruges, De Smedt, solicitaram uma reelaboração completa e expuseram os pontos fundamentais que deveriam ser considerados no trabalho de revisão¹⁰⁸.

A comissão teológica, que tinha uma tendência mais conservadora, reprovou as sugestões que estavam sendo feitas sobre o esquema. Dessa forma, no dia 20 de novembro foi realizada uma votação sobre a aprovação do esquema então apresentado: 1368 *placet*, 822 no *placet* e 19 votos nulos¹⁰⁹. Como não houve a aprovação com os dois terços necessários, João XXIII delegou a responsabilidade de uma comissão mista presidida pelo Cardeal Ottaviani e pelo Cardeal Bea, e durante o Concílio esse esquema foi aprovado, resultando na Constituição *Dei Verbum*.

¹⁰⁸ SOUZA, 2004, p. 37-38.

¹⁰⁹ SOUZA, 2004, p. 39.

Tendo em vista a preocupação da Igreja em comunicar-se com o mundo, ainda na primeira sessão conciliar, os padres conciliares fizeram a votação do esquema sobre os meios de comunicação e após quatro dias de discussões, no dia 27 de novembro, esse esquema foi aprovado com 2138 votos favoráveis, 15 contrários e 7 nulos. A folgada eleição evidencia que não houve polêmicas sobre este esquema. De fato, ampliar o espaço nos veículos de comunicação era uma necessidade da Igreja na difusão da doutrina católica. As discussões no interior do Concílio eram quanto à doutrina a ser disseminada. E um dia antes da aprovação do esquema sobre os meios de comunicação, em 26 de novembro, outro debate polêmico esteve em pauta na ordem do dia: o esquema sobre as Igrejas orientais. Separados desde o século XI, a Igreja Romana e as Igrejas Orientais viveram séculos de condenação mútua, e um diálogo de aproximação nove séculos depois não era tão simples de ser estabelecido, uma vez que dentro do clero romano e do clero das Igrejas orientais ainda havia restrições recíprocas.¹¹⁰ Partindo dessa delicada questão que envolvia séculos, o esquema deu passos, mas não foi finalizado dentro da primeira sessão, assim como os demais esquemas discutidos e votados na primeira sessão¹¹¹. Entretanto, o aprendizado de uma conduta mais participativa dentro da Igreja tinha sido começado, contrariando a tendência do Concílio Vaticano I, quando, por meio do dogma da Infallibilidade Papal, o episcopado do mundo inteiro se viu submisso ao Sumo Pontífice.

Dando sequência ao Concílio Vaticano II, Paulo VI¹¹² expôs no discurso de abertura, em 1963, seu posicionamento a respeito do Concílio: a exposição da doutrina da natureza da Igreja, a reforma interna da Igreja, a importância da unidade dos cristãos e o diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo.¹¹³ A partir desse momento, a cúria romana e o clero conservador perceberam que o Papa iria no sentido mais progressista e que no entendimento do Pontífice, a Igreja deveria passar por uma reforma, na qual as mudanças propostas pela maioria progressista encontrariam voz e vez. Dessa forma, a Igreja precisaria repensar-se e definir-se enquanto instituição para, somente a partir daí, dialogar com o mundo moderno de forma mais clara e definida, por isso o esquema sobre a Igreja esteve na pauta de votação da segunda sessão: a questão da colegialidade episcopal¹¹⁴, o diálogo

¹¹⁰ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html. Acessado em 09 de julho de 2015.

¹¹¹ SOUZA, 2004, p. 41

¹¹² A retomada das sessões conciliares ocorreria no dia 29 de setembro de 1963, já com o novo Papa, Paulo VI, pois João XXIII viria a falecer no dia 3 de junho de mesmo ano.

¹¹³ SOUZA, 2004, p. 44.

¹¹⁴ A questão da colegialidade episcopal dividiu os padres conciliares: os conservadores queriam a manutenção da decisão do Concílio Vaticano I, no qual ficou definido a primazia do Papa diante dos bispos. Por outro lado, o clero progressista reivindicava maior autonomia para os bispos diante das decisões internas da Igreja. Para estes, os bispos, seguindo as tradições apostólica e bíblica, deveriam ser mais ativos e mais participantes das decisões papais sobre a Igreja. Este posicionamento era refutado pelos conservadores uma vez que era claramente influenciado pelos ideais democráticos, próprios do processo de secularização vivido na Europa, desta forma, a estrutura hierárquica da Igreja seria prejudicada pelos “ares da modernidade”. SOUZA, 2004, p. 45.

ecumênico¹¹⁵ e a Igreja enquanto povo de Deus¹¹⁶ estiveram em pauta. Mais uma vez, a Cúria Romana e os bispos da Europa Central expuseram pensamentos distintos.

A questão da colegialidade episcopal levou um mês inteiro de votações, pela complexidade que o esquema demandava. Na verdade, a maior autonomia dos bispos em suas respectivas dioceses, assim como o crescimento da participação no pontificado do Papa causavam à Cúria a sensação de perda de controle e poder. Assim, a Cúria se enxergava mais vulnerável, partindo da ideia de que a complexidade do mundo era cada vez maior, as diferentes realidades dos bispos do mundo todo poderiam descaracterizar a Igreja enquanto instituição romana.

O esquema sobre o ecumenismo trazia questões muito delicadas e inéditas a serem discutidas pela Igreja Católica como a relação com as Igrejas Orientais e Igrejas Protestantes, a situação dos judeus na história da salvação e da liberdade religiosa¹¹⁷. Nesse sentido, o Concílio Vaticano II foi em direção contrária ao Concílio de Trento e ao Concílio Vaticano I, estes dois últimos convergiram com o Concílio de Florença (1438-1445), por meio da bula *Cantate Domino* de 1442, quando o Papa Eugênio IV afirmou que fora da Igreja Católica não haveria salvação¹¹⁸.

Dando sequência à proposta de *aggiornamento* da Igreja, o Papa Paulo VI e o Patriarca ortodoxo de Constantinopla, Athenágoras, encontraram-se em Jerusalém em 5 de janeiro de 1964 e após esse histórico encontro se findava quase um milênio de excomunhões mútuas entre as Igrejas do Ocidente e Oriente. Esse encontro foi muito oportuno para as pretensões conciliares da Igreja Católica Romana. Paulo VI pode, com esse gesto, mostrar que ele pretendia construir pontes para dialogar com os diferentes pensamentos, além do marco histórico que essa visita representou, pois, pela primeira vez em séculos, o Papa deixava a Itália.

¹¹⁵ O Cardeal Giacomo Lercaro apontou que a Igreja visível era diferente da *Corpus Christi Mysticum*, pois, todos os batizados eram membros do corpo místico de Cristo, ainda que não fossem membros da Igreja Católica. Este entendimento facilitava o diálogo ecumênico. SOUZA, 2004, p. 45.

¹¹⁶ A maior participação dos leigos na pastoral da Igreja foi uma preocupação conciliar. A questão do diaconato permanente foi aprovada pelo Concílio Vaticano II, assim, a concepção de uma Igreja menos hierárquica, mas mais inclusiva ganhou espaço e a concepção de “Povo de Deus” fundamentada no sacerdócio comum. SOUZA, 2004, p. 45.

¹¹⁷ SOUZA, 2004, p. 49.

¹¹⁸ Disponível em <http://w2.vatican.va/content/eugenius-iv/it/documents/bulla-cantate-domino-4-febr-1442.html>. Acessado em 09 de julho de 2015. O ecumenismo foi um difícil ponto de legitimação do Concílio Vaticano II. Por ter acontecido no século XX, em um contexto histórico diferente dos demais Concílios da Igreja, o Vaticano II tomou medidas que contrariavam alguns Concílios e documentos pretéritos. A partir desta realidade, a Igreja teve três tendências no pós-concílio: os progressistas que entendiam que a partir de 1965 surgiu uma nova Igreja, os moderados que optaram pela hermenêutica da continuidade, e foi sobre esta hermenêutica que o Papa João Paulo II (1978-2005) e o Papa Bento XVI (2005-2013) nortearam seus pontificados. Bento XVI deu sequência ao seu trabalho enquanto Cardeal, prefeito da Sagrada Congregação da Doutrina da Fé (1981-2005). E por fim os tradicionalistas que não aceitaram a legitimidade do Concílio Vaticano II, por entenderem que este foi um evento nocivo à Igreja.

A terceira sessão do Concílio começou no dia 14 de setembro com uma missa celebrada pelo Papa Paulo VI e concelebrada por mais 24 padres conciliares¹¹⁹. Nessa sessão, houve a votação de esquemas importantes e delicados, que causaram tensão na sala de votação conciliar devido aos diferentes posicionamentos do clero. Além da novidade da concelebração, que serviu como princípio da expressão da colegialidade episcopal¹²⁰, o esquema sobre a Igreja, sobre a colegialidade episcopal, sobre o ecumenismo, retomando ainda a segunda sessão sobre a fonte de Revelação, não definida na primeira sessão em 1962, o esquema sobre a vida dos leigos e o esquema do mundo contemporâneo tiveram início e foram abordados nos dois meses seguintes. Nessa sessão, ainda foi definido e promulgado o esquema sobre as Igrejas Orientais¹²¹ e a aprovação da *Lumen Gentium*¹²².

Diretamente ligada ao esquema sobre o ecumenismo, estava a pauta da liberdade religiosa que causou diferentes posturas: o episcopado da Itália e Espanha tinham restrições a esse esquema, pois nesses dois países a maior parte da população era católica, além da Igreja contar com benefícios do Estado. Por outro lado, os Bispos dos Estados Unidos e dos países comunistas apoiaram esse esquema, já que nesses países o catolicismo era minoria numérica, como no caso dos Estados Unidos, ou sofria sanções do Estado comunista. Dessa forma, se a Igreja tivesse um discurso mais flexível ao pensamento diferente, ela poderia transitar melhor entre setores políticos e religiosos não católicos. Por isso, os padres conciliares divergiram a respeito do tema, tendo em vista a realidade de cada um. Dentro da proposta sobre o esquema da Liberdade Religiosa foi discutida também a questão dos judeus. Os padres conciliares os absolveram do pecado de deicídio e apoiaram a manutenção do Estado de Israel¹²³, assim como condenaram o racismo com um discurso de paz. Não obstante este discurso, o islamismo foi citado na discussão sobre o diálogo inter-religioso; dessa forma, os episcopados oriundos dos países árabes não se sentiriam pressionados em seus respectivos países. O Papa tinha uma preocupação com as questões internacionais, e em outubro de 1965, fez um discurso na ONU, um feito inédito até então. Em seu discurso, o Papa reconheceu a pluralidade do mundo e a necessidade da coexistência pacífica, sem tomar partido entre a URSS e os EUA¹²⁴.

A última sessão do Concílio Vaticano II foi trabalhosa. Nela foram votados os esquemas que não foram finalizados nas outras três sessões conciliares. Essa sessão começou no dia 14 de setembro de 1965 e foi aprovada o esquema sobre a fonte de Revelação, a *Dei Verbum*¹²⁵ e a *Gaudium et Spes*¹²⁶, esquema sobre a relação da Igreja

¹¹⁹ A mudança do missal começou na primeira sessão em 1962, e foi aprovada na segunda sessão em 1963. E já em 1964 as mudanças foram percebidas na liturgia católica.

¹²⁰ MATTEI, 2013, p. 309.

¹²¹ SOUZA, 2004, p. 57.

¹²² SOUZA, 2004, p. 58.

¹²³ SOUZA, 2004, p. 55.

¹²⁴ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html. Acessado em 10 de julho de 2015.

¹²⁵ Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-

com o mundo contemporâneo. Foram finalizados o esquema sobre a vida sacerdotal, *Presbyterorum Ordinis*¹²⁷, confirmando o celibato clerical. Sobre a educação cristã, a *Gravissimum educationis*¹²⁸. Na sessão pública de 7 de dezembro foram aprovadas, além das já citadas, a *Ad gentes* e *Dignitatis Humanae*¹²⁹.

Considerações Finais

Além de reformar a liturgia, o Concílio Vaticano II adotou um diálogo com outras religiões, estabeleceu uma relação mais próxima entre o Papa e o episcopado do mundo inteiro, mostrou-se otimista em relação ao mundo moderno e não condenou o comunismo.¹³⁰ Esses fatores frustraram o clero conservador, e comparado aos demais Concílios, o Vaticano II foi diferente, porque permitiu diferentes interpretações. Essa pluralidade de interpretações pelo episcopado do mundo todo comprometeu a legitimidade do Concílio: a corrente mais progressista publicou a revista *Concilium*¹³¹. Dentro da perspectiva neoagostiniana de que o Concílio Vaticano II não representava ruptura com a tradição da Igreja, mas sim a continuidade, o clero moderado que aceitou as reformas conciliares publicou a revista *Communio*. Entre os teólogos fundadores dessa publicação, merece destaque o padre Joseph Ratzinger¹³². E em meio a essas diferentes interpretações, o clero tradicionalista levantou a bandeira da ilegitimidade do Concílio Vaticano II, haja vista a Fraternidade Sacerdotal São Pio X - FSSPX -, fundada por Marcel Lefebvre e a União Sacerdotal São João Maria Vianney em Campos, cujo Bispo Dom Antônio de Castro Mayer prestou serviço aos padres tradicionalistas em Campos dos Goytacazes.

Diante da complexidade nas interpretações e das diferentes realidades do mundo, o Vaticano II foi um evento singular, que enfrenta ainda hoje o problema das diferentes recepções em todo o mundo. É consenso que o Vaticano II não terminou em 08 de dezembro de 1965, ainda hoje a Igreja busca legitimá-lo em todo o mundo, dentro da perspectiva da continuidade, buscando para junto de si os grupos progressistas e os

ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acessado em 11 de julho de 2015.

¹²⁶ Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acessado em 11 de julho de 2015.

¹²⁷ Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html. Acessado em 10 de julho de 2015.

¹²⁸ Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acessado em 12 de julho de 2015.

¹²⁹ SOUZA, 2004, p. 64.

¹³⁰ MATTEI, 2013, p. 418.

¹³¹ FAGGIOLI, M. *Vaticano II a luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 82.

¹³² FAGGIOLI, 2013, p. 84.

conservadores que se formaram durante as reuniões conciliares. Entretanto, essa parece uma questão longe de chegar ao fim.

Referências

ALBERIGO, G. *História dos Concílios Ecumênicos*. 1ª edição. São Paulo. Paulus, 1995.

ARRAES, V.C. *De Pio XII a Paulo VI: do conservadorismo à incerteza da renovação durante a Guerra Fria*. Revista de Informação Legislativa, Brasília-DF, v. 42, n.165, p. 77-98, 2005.

BENQUET, P. CAMDESSUS, C. *A Guerra Perdida do Vaticano II*. [Filme-Vídeo]. Produção de Christine Camdessus e direção de Patrick Benquet. Paris. Canal France 3, 2012. 87 min. Color. Son.

BEOZZO, J.O. Presença e atuação dos Bispos brasileiros no Vaticano II. IN: GONÇALVES, P.S.L e BOMBONATO, V.I. *Concílio Vaticano II análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004,

BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BLAINEY, G. *Uma Breve História do Cristianismo*. 1ª ed. São Paulo: ed. Fundamento, 2012.

_____ G. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: ed. Fundamento, 2011.

_____ G. *Uma Breve História do Século XX*. São Paulo: Ed. Fundamento, 2008.

CALDEIRA, R.C. *Os Baluartes da Tradição: O Conservadorismo Católico Brasileiro no Concílio Vaticano II*. Curitiba. ed. CRV, 2011.

COMBY, J. *Para ler a História da Igreja II. De século XV ao século XX*. São Paulo: Ed. Loyola, 1994.

FAGGIOLI, M. *Vaticano II a luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FELÍCIO, M.R. *Na viragem do século (XIX-XX): a crise modernista*. Máthesis: Viseu, 2002.

FLEICHMAN, L. *Tradição versus Vaticano: Dossiê completo das negociações entre Mgr. Lefebvre e o Vaticano 1988-2001*. Permanência: Niterói, 2001.

GIBELLINI, R. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX. 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEFEBVRE, M. *Do Liberalismo à Apostasia: a Tragédia Conciliar*. 2ª Ed.

Permanência. Niterói, 2013

MARTINS, M.H.P. ARANHA, M.L de A. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 2009.

MATTEI, R. *O Concílio Vaticano II uma história nunca escrita*. São Paulo: Ambiente e Costumes, 2013.

MEDEIROS, W.S. *Concílio Vaticano I (1869-1870): Centralização do Catolicismo*. Revista Eletrônica Discente de História.com. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Cruz das Almas, Ano 1, Volume 1, 2013.

BOMBONATTO, V.I. e GONÇALVES, P.L. (ORG.) *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo. Paulinas, 2004.

_____. N. GONÇALVES, P.S.L. *Catolicismo e sociedade contemporânea: do Concílio*

Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2013.

SOUZA, N. GOMES, E.S. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 44, nº 1, p.5 a 27, janeiro-abril. 2014.